

PSICANÁLISE E AS RELAÇÕES OBJETAIS

Alexandre Barbosa da Fonséca¹
Marinaldo Barbosa dos Santos Júnior²
Paula Fernanda Alves Duarte ³
Dalnei Delevati⁴

Psicologia



ISSN IMPRESSO 1980-1769
ISSN ELETRÔNICO 2316-3151

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo, abordar de forma sintética conceitos e definições que caracterizam a psicologia do self, integrando como aspectos discursivos a esta temática, a teoria das relações dos objetos, a perspectiva e compreensão do psicanalista Sigmund Freud acerca do objeto, construindo desta forma um raciocínio que proporcione uma melhor assimilação da teoria desenvolvida pelo teórico Heinz Kohut, a psicologia do self.

PALAVRAS CHAVE

Psicologia do Self. Self Objeto. Kohut.

ABSTRACT

This work aims to address the synthetic form the concepts and definitions that characterize self psychology, integrating as discursive aspects to this subject, the theory of the relations of objects, perspective and understanding of psychoanalyst Sigmund Freud about the object, building this form reasoning that provides a better assimilation of the theory developed by Heinz Kohut's theory, the self psychology.

KEYWORDS

Self Psychology. Self Object. Kohut.

A difusão cultural da psicanálise ocorreu em meio a um processo histórico de reorganização industrial, social e política, fomentado pelas duas grandes guerras mundiais. Dunker (2007) mostra que após a Primeira Guerra Mundial, com o surgimento de um novo nacionalismo, a centralização do pensamento psicanalítico de Freud foi substituída pela formação de tradições psicanalíticas de alguns países europeus, que procuravam autolegitimação para os trabalhos psicanalíticos desenvolvidos. Esse fato deu origem ao movimento chamado freudismo caracterizado pelo aumento dos estudos da psicanálise e pela sua internacionalização. O novo contexto social de racionalização e idealização de uma nova modernidade, que exigia uma revisão crítica do papel do eu e da consciência como centro do indivíduo, intensificou o surgimento de novas concepções acerca do pensamento original de Freud sobre a teoria psicanalítica (DUNKER).

Com o advento da Segunda Guerra Mundial muitos psicanalistas foram exilados o que contribuiu para a disseminação da psicanálise no mundo que sofreu influências dos costumes e práticas intelectuais e científicas divergentes da sua fundação na Europa Central (DUNKER). Os principais destinos dos exilados foram os Estados Unidos e a Inglaterra. No primeiro a psicanálise teve mais força em Nova York, Chicago e na Costa Leste. Embora no mesmo país, os psicanalistas ali sediados propuseram e desenvolveram adequações e modificações na psicanálise ortodoxa. Na América a psicanálise acabou por influenciar diversos segmentos como o cinema, a filosofia, as artes, sistemas de gestões públicas, bem como teve contato e influenciou significativamente outros saberes como a psiquiatria e da própria psicologia.

Em Chicago surgiu um grupo de psicanalistas contrários às proposições da psicologia do ego, que modificaram o sistema inicial da psicanálise, considerando que o ego funcionaria de forma independente do id. Esta corrente de Chicago teve uma concepção de aperfeiçoamento da psicanálise e introduziu o conceito do "self", como um elemento que não faz parte da instância psíquica como o ego, mas baseia-se nas relações entre objetos presentes na vida do indivíduo.

Este trabalho irá explicar os principais pontos da "psicologia do self" que tem como um dos seus principais teóricos o psicanalista Heinz Kohut, médico nascido em Viena, Áustria, em 1913, que migrou para Chicago, EUA, em 1940, onde se dedicou a neurologia e psiquiatria, chegando a presidir a Associação Psicanalítica Americana.

2. AS TEORIAS DAS RELAÇÕES OBJETAIS

A compreensão da psicologia do self tem sua fundamentação nas teorias das relações objetais que consistiram em revisões teóricas da teoria de Freud sobre o "objeto". "Este aplicava o termo 'objeto' em relação a qualquer pessoa, objeto ou atividade com capacidade para satisfazer ao instinto" (SCHULTZ, 2011, p. 393). Na teoria psicanalítica ortodoxa, Freud

relaciona o objeto a algo que só tem sentido enquanto relacionado à pulsão e ao inconsciente e não na esfera da consciência (GARCIA-ROZA). Assim, o objeto torna-se um meio para o foco da satisfação, podendo esse objeto ser uma pessoa, objeto ou atividade, real ou imaginário.

Greenberg e Mitchell (1994, p. 5) salientam que “todo conhecimento psicanalítico deve começar com as relações do indivíduo com os outros”. Esse entendimento tem base na teoria da pulsão de Freud, onde não existe uma pulsão sem um objeto implícito ou explícito. Assim, o objeto da pulsão seria a pessoa, objeto ou atividade, a qual a pulsão tem como objetivo, foco ou alvo. Essa sistemática segue o modelo estrutural/pulsional. Para Freud o primeiro objeto na vida do bebê, capaz de satisfazer ao instinto, era o seio materno. Mais tarde, a própria mãe como pessoa torna-se um objeto de satisfação do instinto. E, à medida que a criança cresce, outras pessoas tornam-se objetos de satisfação do instinto (SCHULTZ).

Greenberg e Mitchell (1994, p. 7 e 8) ainda afirmam que o termo “teoria das relações objetais”, em seu sentido amplo, refere-se a tentativas de responder a situação onde as pessoas interagem e reagem com objetos externos e internos, e em que medida suas relações influenciam o funcionamento psíquico. Importante relatar que os objetos internos são entendidos como representações psíquicas de outras pessoas que influenciam as reações, percepções, os estados afetivos do indivíduo (aspectos internos), bem como suas reações comportamentais externas.

Os teóricos das relações objetais trazem concepções diferenciadas, o que torna o entendimento dos termos “objeto” e “relações objetais” bastante complexo. Como afirmam Greenberg e Mitchell (1994, p. 8) há uma diferença entre esses termos para a psicologia acadêmica e a psicanálise. Para a primeira “objeto” refere-se a uma “entidade que existe no tempo e no espaço”, para a segunda está relacionada à pulsão. Na psicanálise de Freud, é o objeto libidinal (foco da pulsão sexual), havendo também o objetivo de autopreservação e, mas tarde surgindo o objetivo da pulsão agressiva. Freud afirma que,

Os objetos e as relações objetais são importantes primariamente como meios e veículos de descargas de pulsões libidinais e agressivas. A esse respeito, os primeiros na verdade tem um status secundário e derivado [...] nós não desenvolveríamos nenhum interesse por objetos ou relações objetais e nenhuma das funções de ego de teste de realidade se os objetos não fossem necessários para gratificação das pulsões e se a gratificação imediata fosse possível [...] somos forçados a nos relacionar com objetos. Mas [...] o nosso interesse pelos objetos e o nosso relacionamento com eles continuam direta ou indiretamente ligados ao seu uso e à relevância na gratificação pulsional. (EAGLE apud HALL, LINDZEY E CAMPBELL, 2000, p. 158).

Assim, Freud propôs que a “escolha objetal” ocorre quando as pessoas “catexizam” ou investem energia instintual em objetos que podem ser usados para gratificar impulsos instituais (HALL, LINDZEY E CAMPBELL, 2000, pág. 158). Diferentemente da concepção de Freud que considerou a relação do objeto principalmente com a pulsão sexual, os teóricos das relações objetais consideram as relações interpessoais entre esses objetos. Há, portanto, ênfase no contexto social e ambiental na formação da personalidade, destacando como principal influência a interação entre mãe e filho. A existência das relações interpessoais indica que a construção da personalidade na infância se estabelece de forma mais precoce do que Freud idealizava.

As teorias das relações objetais se caracterizam pela sua forma de integrar questões que dizem respeito à formação da personalidade buscando seus princípios na infância, desta forma, apresentam seu enfoque crucial na compreensão de que no desenvolvimento e formação da personalidade pode-se incluir a capacidade e a necessidade da criança perder o vínculo com a mãe, ou seja, o seu objeto primário, objetivando desta forma, obter uma compreensão de si própria e articular vínculos com outros objetos, que são as outras pessoas (SCHULTZ, 2009, p. 390). Este trabalho segue o entendimento de Greenberg e Mitchell (1994, p. ?), que adotam como “objeto”, “as interações dos indivíduos com outras pessoas externas e internas (reais e imaginadas) e à relação entre seus mundos objetais interno e externo”.

3. A PSICOLOGIA DO SELF

A base dos estudos de Freud sobre o “objeto” foram as neuroses. Já Kohut partiu dos distúrbios narcisistas, visto que suas primeiras investigações e percepções em torno dos fenômenos conhecido como self-objeto, ocorreram após análises clínicas desenvolvidas com um grupo específico de pacientes com transtornos narcisistas. Kohut trata o narcisismo como a própria energia vital, aquilo que lhe impulsiona, nutre a vida psíquica. Voltando sua atenção a estes pacientes, Kohut obteve a oportunidade de reformular ideias iniciais, conceitos e apurar técnicas, como também, concluir que o narcisismo não é uma condição incompatível com as relações objetais, visto que para a psicanálise ortodoxa o narcisismo consistia na escolha do próprio eu como objeto de satisfação sexual, excluindo as relações objetais.

De acordo com Siegel (2005, p. 98), a partir da distinção entre a “transferência clássica” de Freud e a “transferência clínica”, que consiste na “revivescência de sentimentos infantis inconscientes projetados no analista” e a primeira, em sua concepção original, na intrusão do inconsciente no pré-consciente, Heinz Kohut conseguiu definir as “transferências narcísicas” que posteriormente foram denominadas de “transferências self-objeto”.

Como afirmado anteriormente, na teoria das relações objetais, os objetos é tudo aquilo que são representados e internalizados de pessoas reais, e não focaliza saídas para descargas de um instinto. Hall, Lindzey e Campbell (2000) citando McAdams, consideram que as relações objetais são primárias, não derivadas de descarga instintual e elas funcionam para dar estrutura ao self.

Quando se busca entender o processo da constituição e formação do self, Kohut trouxe uma reflexão acerca do posicionamento das famílias na época de Freud, e como a mesma se demonstra no contexto atual. As famílias na época de Freud eram ameaçadas por serem excessivamente próximas e íntimas. Hoje em dia, ao contrário, as famílias são ameaçadoras por serem excessivamente distantes e não-envolvidas (HALL, LINDZEY e CAMPBELL, 2000).

Ao analisar este contexto das famílias, identificando que as mesmas hoje diferentemente da época de Freud são elementos cada vez mais distantes, desta forma, os pais voltam-se sua preocupação para suas próprias necessidades narcísicas. Esta posição da família traz uma consequência empática, pois, eles tornam-se padrões com menor satisfação, e não demonstram uma condição sadia de “ser si mesmo”, não estabelecendo relacionamentos interpessoais gratificantes. Na análise de Kohut, os nossos medos mais profundos refletem não a ansiedade de castração ou os impulsos conflituais do id, mas o potencial de perda dos objetos de amor (HALL, LINDZEY e CAMPBELL, 2000).

O homem para Kohut, não estaria voltado apenas para a busca do prazer, como também não viveria apenas no mundo dos conflitos, o mesmo ressalta que existe um centro, de característica primária, sendo esta de iniciativa e espontaneidade que busca expressão. É este centro espontâneo que o teórico aqui citado o denominou de self. No livro intitulado a “Restauração do Self”, de autoria de Heinz Kohut, este descreve o self da seguinte forma:

O self é como a realidade, não conhecido em sua essência. Nós só podemos descrever as várias formas coesas nas quais ele se apresenta, podemos demonstrar os vários constituintes que compõem o self... e explicar suas gêneses e funções. “Podemos fazer tudo isso, mas, ainda assim nós não conheceremos a essência do self enquanto diferenciado de suas manifestações”. Se nos indagarmos empaticamente o que vem a ser o self temos algumas suposições: “sentimentos de sermos um centro independente de iniciativa e percepção, sentimentos de estarmos integrados com nossas ambições e ideais mais centrais e com a experiência de que nosso corpo e mente formam uma unidade no espaço e um continuum no tempo”. (KOHUT apud GANG, 2008, p. 7).

Coutinho (1999) traduz algumas ideias difundidas por Kohut acerca do self e suas relações objetais. Tal relação é dirigida pelo narcisismo e constituem as estruturas psíquicas; nesta perspectiva remete-se ao self-objeto como objetos que servem o self, instância narcísica.

O conceito estrutural construído por Kohut acerca do self-objeto é estabelecido a partir de observações clínicas. Para melhor compreensão dessas primeiras relações objetais do indivíduo, Kohut delineou algumas funções dos vínculos estabelecidos nas relações objetais:

Em suas observações, Kohut formulou, a partir do exercício clínico, o conceito estrutural do self-objeto: o indivíduo que numa espécie de vivência aglutinada desempenha as funções ainda impossíveis ao bebê, que não possui um self estruturado, mas apenas um núcleo de self a ser desenvolvido a partir dessa vinculação com o outro self. Kohut afirma que os self-objetos que cumprem funções psicológicas para o bebê são reconhecidos e experimentados pelas funções que exercem junto a ele e não por sua existência e característica individual, ou seja, para o bebê, o adulto que cuida é parte de si mesmo (SARKIS, ANO, p. ?).

De acordo com Greenberg e Mitchell (1994) há um princípio de self que foi denominado de self nascente; Kohut, descreveu este self nascente como uma estrutura debilitada, que não obtém forma determinada. Nas primeiras experiências com os objetos o bebê busca relacionamentos e experiências sustentadas nas expectativas dos pais. Esta busca está desprovida de qualquer potencial inato. Estas relações iniciais irão atender as necessidades narcisistas básicas, expressando o desejo do bebê de reconhecimento e admiração das suas capacidades.

Importante ressaltar que na teoria das relações objetais as primeiras relações vivenciadas pela criança são internalizadas em seu inconsciente, e acumulam-se no plano psicológico, sendo transformadas em imagens que no futuro entrarão em conflito. Perturbações as quais darão estrutura aos relacionamentos interpessoais no futuro adulto, visto que, estas relações interpessoais vivenciadas pela criança neste processo objetal, são pontos determinantes na constituição do self do indivíduo maduro (HALL; LINDZEY E CAMPBELL; 2000).

Sarkis (ANO) comenta que, o self nascente de um bebê necessita de um ambiente que contenha self-objetos respondendo empaticamente às suas necessidades psicológicas. Em função da imaturidade do self nascente, faz-se necessário a participação dos pais, de iguais e parceiros, na fomentação das estruturas psíquicas na criança. Subjacente as ideias de Kohut, Greenberg e Mitchell (1994) comentam que neste processo de reconhecimento, o bebê apreende um self-objeto idealizado, este consiste na figura idealizada de um dos seus pais, cujo mecanismo é de fusão com um objeto onipotente que garanta a segurança e amparo.

Em seguimento aos aspectos do self-objeto, Sarkis expôs outras modalidades do self-objeto. Uma consiste na necessidade da criança de espelhamento, nomeada por Kohut como self-objeto especular, do qual garante a criança o estado de valor e autonomia. De acordo com Hall, Lindzey e Campbell (2000), a mãe nos dois primeiros anos de vida é atribuída pelo self como um objeto espelhante. Tomando, também, como modalidade, o self-objeto gemelar, que responde a necessidade de semelhança, dando sentido a estrutura do self-objeto de pertencer a um contexto humano. Tais modelos de self-objeto são provenientes de um self nascente sem condições estruturais duradouras ou constância no tempo.

De acordo com Heinz Kohut, o papel da mãe é o de satisfazer não apenas às necessidades físicas da criança como também às psicológicas. E, para tanto, a mãe deve atuar como um espelho para criança, refletindo o sentimento de peculiaridade, de importância e de grandeza (SCHULTZ, 2009). Desse modo, a mãe confirma o senso de orgulho da criança, o qual acaba se tornando parte do self nuclear. Desta forma este autor afirma que, todas as características do self adulto, são construídas de acordo com as relações iniciais da criança com o objeto do self primário. O self nuclear é a base para o indivíduo tornar-se independente. Desenvolve-se a partir das experiências primárias entre a criança e todas as outras pessoas que exercem papéis fundamentais na vida infantil que se passa a acreditar que são partes de nosso self.

Nas relações entre o terapeuta e paciente, Kohut ressalta que a cura do self ocorre a partir das vivências emocionais do paciente na reativação e análise das transferências. Isso significa dizer que a situação de análise é o ambiente no qual os conflitos não solucionados na infância são reativados na transferência, tornados conscientes e elaborados por meio do processo analítico.

Segundo La Cal (2008) as experiências com self-objetos vivenciadas em um ambiente proporcionalmente empático oferecem estruturas necessárias para construção de um self saudável e coeso. Esse é o chamado self autônomo que corresponde a todas as pessoas que se caracterizam por níveis saudáveis de auto-estima e por relacionamentos interpessoais mutuamente gratificantes. Como afirma Hall, Lindzey e Campbell (2000, p. 159) "um espelhamento e uma idealização saudáveis produzem o tipo ideal de personalidade, a pessoa com um self autônomo".

Por outro lado, as experiências self-objetais desenvolvidas num ambiente danificado implicam na constituição do self com patologias em sua estrutura e funcionamento, implicando num self não-coeso, vazio ou danificado. Nessa situação, Kohut descreveu quatro instâncias prototípicas, que são apresentadas por Hall, Lindzey e Campbell: self sub estimulado, self fragmentado, self super estimulado e o self sobrecarregado.

O self sub estimulado caracteriza uma pessoa entorpecida e vazia que pode buscar sensações e abusar de substâncias. O self fragmentado é inseguro, frágil e com autoestima baixa. O self super estimulado desenvolve fantasias irrealistas de grandeza em consequência de objetos do self que foram excessivamente indulgentes em seu espelhamento. E por último temos o self sobrecarregado que consiste nas pessoas que percebem o mundo como um lugar hostil e perigoso. Daí a importância do indivíduo vivenciar situações empáticas com os self-objetos, para construção de um self coeso, vigoroso e equilibrado.

4. METODOLOGIA

O desenvolvimento do presente trabalho partiu de estudos sobre as teorias e técnicas da psicanálise no Curso de Psicologia da Faculdade Integrada Tiradentes – FITS, tendo como metodologia a pesquisa bibliográfica sobre a psicologia do self. A dificuldade de acesso a obras escritas que falassem sobre o tema direcionou a pesquisa para sites de entidades nacionais que tratam do tema proposto.

A psicanálise se internacionalizou, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, contextualizando-se numa diversidade de estudos inspirados nas condições sociais, políticas e econômicas dos vários países onde seus estudos estiveram presentes, e como forma de atender as necessidades individuais e coletivas daquela época. A transformação e o aperfeiçoamento da psicologia e dos métodos psicoterápicos é um elemento essencial para a evolução dessa disciplina e para a sua contribuição na evolução da humanidade.

A psicologia do self, desenvolvida por Heinz Kohut tem suas raízes e originalidade a partir das ideias e dos conceitos revistos acerca da teoria das relações objetais e do conceito de narcisismo da psicanálise ortodoxa. Para Kohut, relações objetais sempre estão presentes na vida de uma pessoa e consistem em relações interpessoais.

A relação da mãe em constituir um vínculo significativo para a criança é fundamental para as primeiras relações objetais e formação da personalidade desta criança, trata-se de um processo de desenvolvimento da criança que ao se desligar da mãe estabelece outras relações com outras pessoas próximas. Esse processo é que forma um self coeso atribuindo ao futuro adulto força, saúde e grandeza de um ser humano apto para a vida.

O estudo da psicologia do self não é fácil e depende da compreensão da psicologia de Freud e, por esse motivo, o estudante deve procurar um bom entendimento da psicanálise para se aprofundar no assunto. Espera-se que este trabalho facilite a compreensão da psicologia do self e da sua representatividade dentro da psicanálise.

COUTINHO, L. G.. Convergências e divergências nas teorias do narcisismo de Kohut e de Lacan. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 2, n. 2, 1999, p. 37-51. Disponível em: <<http://www.fundamentalpsychopathology.org/art/jun9/2.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2012.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Aspectos históricos da psicanálise pós-freudiana. In: **História da psicologia: rumos e percursos**. Organização Ana Maria Jacó-Vilela, Arthur Arruda Leal Ferreira, Francisco Teixeira Portugal. Rio de Janeiro: Nau, 2007.

GANG, Sara L. O Self. **Associação Brasileira para o Estudo da Psicologia Psicanalítica do Self**. Disponível em: <<http://www.abepss.org.br/?pg=descricao-artigo&id=29>>. Acesso em: 28 fev. 2012.

GREENBERG, Jay R; MITCHELL, Stephen A. **Relações Objetais na Teoria Psicanalítica**. Tradução Emilia de Oliveira Diehl. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

HALL, Calvin S.; LINDZEY, Gardner; CAMPBELL, John B. **Teorias da Personalidade**. 4. ed. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

LA CAL, Marília M. de. O que é Self Objeto? **Associação Brasileira para o Estudo da Psicologia Psicanalítica do Self**. Disponível em: <<http://www.abepss.org.br/?pg=descricao-artigo&id=30>>. Acesso em: 28 fev. 2012.

SARKIS, Yesmin. Heinz Kohut (Resenha). **Federação Brasileira de Psicanálise**. Disponível em: <http://febrapsi.org.br/resenha.php?texto=resenha_Kohut>. Acesso em: 13 mar. 2012.

SIEGEL, Allen M. **Heinz Kohut e a psicologia do self**. Tradução Pedro Henrique Bernardes Rondon. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen Shultz. **História da Psicologia Moderna**. Tradução Suely Sonoe Murai Cuccio. São Paulo: CengageLearnig, 2011.

Recebido em: 3 de junho de 2013

Avaliado em: 2 de julho de 2013

Aceito em: 20 de setembro de 2013

1 Acadêmico de Psicologia da Faculdade Integrada Tiradentes - FITS.

2 Acadêmico de Psicologia da Faculdade Integrada Tiradentes - FITS. E-mail: Marinaldo-kfc@hotmail.com

3 Acadêmica de Psicologia da Faculdade Integrada Tiradentes - FITS.

4 Professor Mestre do curso de Psicologia da Faculdade Integrada Tiradentes - FITS. E-mail: dmdelevati@gmail.com